

Artigos

Explorando narrativas e identidades em transformação Pós-Guerra Fria: a poética da terra no cinema contemporâneo

Exploring narratives and identities in post-Cold War transformation: the poetics of land in contemporary cinema

Explorando narrativas e identidades en la transformación posterior a la Guerra Fría: la poética de la tierra en el cine contemporáneo

Leda do Nascimento Rosa¹ 

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

RESUMO

O artigo discorre sobre como os deslocamentos dos indivíduos e a interação com a terra são representados no cinema brasileiro a partir de dez filmes selecionados do período de 1980 a até a segunda década dos anos 2000. O texto explora, inicialmente, o conceito de expulsão de Saskia Sassen, que discute a crise gerada por uma economia pautada na globalização e no capitalismo desenfreado pós-1980, agravando as desigualdades sociais e ambientais. Analisa ainda, uma obra de Edward Said como intelectual exilado vive a experiência do deslocamento pautada em identidades dentro de um viés crítico da própria cultura e a cultura do outro. O cinema, como arte, explora tais experiências ao construir personagens deslocados que vivenciam as migrações motivadas pelo desejo de oportunidades melhores ou por sobrevivência. Os filmes escolhidos ilustram, de alguma forma, as questões colocadas pela socióloga Sassen contribuindo para uma sensibilização quanto às questões que envolvem os deslocamentos.

Palavras-chave: Cinema; Deslocamento; Identidades

ABSTRACT

The article discusses how individuals' displacements and interaction with the land are represented in Brazilian cinema based on ten films selected from 1980 to the second decade of the 2000s. The text initially explores the concept of the expulsion of Saskia Sassen, who discusses the crisis generated by an economy based on globalization and unbridled capitalism post-1980, worsening social and

environmental inequalities. It also analyzes a work by Edward Said as an exiled intellectual who lives the experience of displacement based on identities within a critical bias of his own culture and the culture of others. Cinema, as art, explores such experiences by constructing displaced characters who experience migration motivated by the desire for better opportunities or survival. The chosen films illustrate, in some way, the questions raised by the sociologist Sassen, contributing to raising awareness about the issues surrounding displacement.

Keywords: Cinema; Displacements; Identities

RESUMEN

El artículo analiza cómo el desplazamiento de los individuos y su interacción con la tierra están representados en el cine brasileño a partir de diez películas seleccionadas entre los años ochenta y la segunda década del 2000. El texto explora inicialmente el concepto de expulsión de Saskia Sassen, que discute la crisis generada por una economía basada en la globalización y el capitalismo desenfrenado después de 1980, agravando las desigualdades sociales y ambientales. También analiza una obra de Edward Said sobre cómo un intelectual exiliado vive la experiencia del desplazamiento a partir de las identidades dentro de una visión crítica de su propia cultura y de la cultura de los demás. El cine, como forma artística, explora estas experiencias mediante la construcción de personajes desplazados que viven la migración motivados por el deseo de mejores oportunidades o de supervivencia. Las películas elegidas ilustran, de alguna manera, las cuestiones planteadas por el sociólogo Sassen, ayudando a concienciar sobre los problemas que rodean al desplazamiento.

Palabras clave: Cine; Desplazamiento; Identities

INTRODUÇÃO

Opresentetextotemcomoobjetivorefletirsobrearepresentaçãocinematográfica dos deslocamentos humanos, contribuindo para a compreensão deste tema ao retratar esta vivência em relação à paisagem experienciada. Apresentaremos as principais discussões de Saskia Sassen a respeito do entendimento da autora quanto à lógica das brutalidades das expulsões daqueles que experienciam a migração e vivem um processo de identidade em transformação.

Não pretendemos apresentar uma vasta lista de filmes brasileiros que abordem a questão do homem em trânsito, mas sim a intenção de traçar algumas linhas de reflexão examinando como alguns deles, produzidos após a década de 1980, no pós-Guerra Fria, tratam do assunto. O recorte temporal adotado coincide com o agravamento

das questões na economia global que se desdobram em expulsões intensificadas pela globalização, urbanização, mudanças climáticas e desigualdade social.

A pesquisa de Saskia Sassen evidencia uma lógica sistêmica capitalista que se utiliza de técnicas e conhecimentos complexos, produzindo brutalidades, como: transformação de ambientes naturais em terras e águas mortas, compra de extensões de terras em outros países, execução de hipotecas “subprime” e aumento da população encarcerada. Ela constata que o agravamento das expulsões se deu após a década de 1980, com a queda do modelo Keinesiano.

A LÓGICA DOS DESLOCAMENTOS

A autora analisa as formas de expulsões causadas por esta economia capitalista, aumentando as disparidades de uma minoria que enriquece, enquanto leva vastas populações à marginalização e à exclusão do lugar onde vivem. A socióloga urbanista traz estudos de caso e constatações de uso de tecnologias e financeirização da economia que contribuem para a devastação ambiental e o despejo em massa em áreas urbanas. Também mostra uma economia em retração, atingindo os mais vulneráveis até mesmo em países desenvolvidos.

Sassen propõe pensar o conceito de expulsões para além da ideia de desigualdade crescente, constatando que são causadas por instrumentos complexos de matemática e engenharia, produzindo brutalidades em uma fase do capitalismo avançado. Ela defende que há duas lógicas: a sistêmica (políticas econômicas, privatização e eliminação de tarifas sobre importações) e a outra - a transformação de áreas em cidades globais. Saskia Sassen nos convida a refletir criticamente sobre um conceito perigoso de crescimento econômico devastador, mesmo para aqueles que pensam que não estão vulneráveis.

Os deslocamentos de que Sassen trata são forçados por um sistema extremo, mas também há aqueles provocados pelos exílios políticos e ainda os movimentos migratórios voluntários. Para melhor avaliarmos as ocorrências destes nos filmes,

apresentaremos ainda reflexões sobre a experiência do exílio do intelectual palestino-americano, Edward Said.

Nascido em 1935 em Jerusalém, o autor viveu no mundo árabe até 1951, mudando-se depois para Nova Iorque, experienciando este drama. Em *Reflexões sobre o exílio*, ele explora as dimensões políticas, culturais e psicológicas do deslocamento, que se desdobram em questões como alienação, pertencimento e identidade. Para clarificar a questão de estar fora da terra natal, utiliza-se de referências literárias e filosóficas, constatando a contribuição do indivíduo exilado nas diversas áreas principalmente da vasta literatura produzida pelo prisma daquele que vive essa condição tendo como assunto o exílio.

Said distingue com clareza as diferenças entre exilado, como aquele impedido de voltar para casa, o que foi banido; e o refugiado, que é pessoa inocente necessitando de ajuda governamental. O autor afirma que o exilado pode cair no fetiche de viver como se tudo fosse temporário e esta ideia da provisoriedade leva-o a se prender à idealização da cultura e da memória “perdidas”, na tentativa de preservá-las. Desajustados entre a memória e a realidade do exílio, estes adotam uma postura crítica questionando as tradições do local de origem e do atual ambiente, vivendo em tensão constante entre pertencer e manter a identidade.

Neste sentido, a vivência de um exilado intelectual é muito importante para a compreensão das tensões experimentadas pela pessoa deslocada, porque o intelectual trabalha com ideias em diálogo, sem fronteiras e a identidade para ele é misturada. Esta perspectiva é uma visão que ameniza o processo de se estar longe do local de origem, porque o indivíduo tenta florescer intelectualmente onde se encontra e busca dialogar com o outro, entendendo a identidade como um processo em construção e coletiva.

IDENTIDADES EM TRANSFORMAÇÃO E A POÉTICA DA TERRA

No cinema brasileiro contemporâneo, a chamada *poética da terra* constitui um eixo fundamental para a compreensão das narrativas de deslocamento, constituindo elemento importante para entender os movimentos migratórios elaborados pelas artes como dimensão simbólica. A terra abandonada marca a subjetividade dos sujeitos migrantes pela perda provocada pelo desenraizamento e a adaptação entre a memória e o presente.

Os filmes examinados apresentarão o sertão esvaziado, a pequena cidade em declínio, a metrópole hostil e a rua verticalizada. Essa terra estrangeira revela uma paisagem que marca a exclusão, a precarização e as violências sistêmicas que atravessam as experiências migratórias, ativando conflitos identitários e dilemas de pertencimento, visto que as migrações são de certa forma forçadas, visando condições melhores de sobrevivência.

O cinema de ficção feito no Brasil tem explorado diferentes histórias sobre os contextos migratórios. Com o êxodo rural na década de 1950, as pessoas buscaram nas cidades melhorias na qualidade de vida - condições de sustento, carteira assinada e direitos trabalhistas não cumpridos nas zonas rurais do interior. Outro fenômeno semelhante a este é a migração de moradores das pequenas cidades para as metrópoles ou a imigração para outros países, principalmente para Portugal e Estados Unidos na década de 1980.

Conforme observado nas pesquisas da socióloga Sassen, os deslocamentos se intensificaram a partir da década de 1980, como consequências da lógica capitalista em vigor. As tensões que envolvem os dilemas da pessoa deslocada estarão cada vez mais presentes em função das guerras, das consequências devastadoras das mudanças climáticas e da crise imobiliária. É interessante observar como o cinema tem colocado estas questões, que são tão cruciais neste tempo. Citaremos alguns filmes

brasileiros em que se observa a problemática vivida por aqueles que são atravessados pela experiência de deixar o local de origem por sobrevivência.

Podemos começar citando três produções que tematizam a busca pelo Norte do país, motivados pelas promessas de vida melhor na floresta amazônica. O irônico título em inglês do filme *Bye Bye, Brasil* (1980), de Cacá Diegues, problematiza a situação vivida pelo Brasil pós-milagre econômico, com o fim dos investimentos no país por parte dos Estados Unidos. As personagens percebem a perda do próprio Brasil ao se deparar com cidades do sertão nordestino, esquecidas de políticas públicas, hipnotizadas pela televisão como entretenimento e desinteressadas, portanto, das atrações oferecidas pela trupe de artistas, liderada por Lord Cigano.

O filme reflete o contraste entre o rural e o urbano e a formação não de cidades, mas de periferias onde se acumulam pessoas marginalizadas e deslocadas, principalmente pela construção da rodovia Transamazônica na década de 1970. A Caravana Rodilei chega a Altamira (Pará) na expectativa de encontrar, entre os índios, público certo, mas encontra um cenário ainda menos propício. No final, Lorde Cigano reinventa outra performance para o grupo de artistas, com um moderno caminhão com luzes de néon e roupas ao estilo hollywoodiano, alterando o nome para Caravana Rolidey e criando um clima de espetacularização almejado pelas massas já encantadas com a magia veiculada pela TV estadunidense. Através deste grupo mambembe, visitamos o interior do Brasil e constatamos os processos de transformação de um Brasil rural para urbano e a chegada do progresso para o bem e para o mal.

Ainda neste contexto, o documentário teuto-brasileiro, dirigido por Jorge Bodanzky e Orlando Senna, de 1974 *Iracema - Uma Transa Amazônica*, complementa o que *Bye Bye, Brasil* retrata, pois aborda as consequências sociais e ambientais do período de crescimento acelerado e modernização que marcou o início da década de 1970 no Brasil. O longa-metragem conta a história de uma garota amazônica, "Iracema", ribeirinha pobre das proximidades de Belém que vai à cidade para participar das festividades do Círio de Nazaré. Lá, é seduzida por outras mulheres a

entrar na prostituição, quando conhece em um cabaré da cidade, “Tião Brasil Grande”, interpretado por Paulo Cezar Pereio, um caminhoneiro gaúcho, que espalha o discurso do progresso em suas viagens pelo Brasil.

A trama, que mescla entrevistas provocativas com o intuito de dar voz aos moradores, revela uma realidade abrupta de uma paisagem que se transforma, sem tempo para adaptações, acomodações e trocas culturais menos brutais. A menina e o caminhoneiro são metáforas perfeitas para ilustrar as relações de poder e servidão estabelecidas. Sob vigilância do governo militar, o filme foi produzido em tempo recorde, mas só foi exibido em 1981, censurado sob a alegação de ser um filme estrangeiro.¹

Contribuiu também para entender esta invasão do Norte, a exploração do ouro na região, documentada em *Serra Pelada, a lenda da montanha de ouro* (2013), de Victor Lopes, pois retrata a corrida de 100 mil trabalhadores de várias partes, entre 1980 a que chegaram a extrair 100 toneladas de ouro em uma montanha de 150 metros de altura, transformada hoje em miséria e disputas.

São vários depoimentos de garimpeiros que contam como enriqueceram no ofício. Alguns, ofuscados pelo ouro, chegaram a perder o que conquistaram. Em especial, relatam como tudo começou: sobre a porcentagem a que tinham direito e as disputas entre eles, a grande multinacional Vale do Rio Doce e o Governo. Através deste documentário, pode-se ter uma ideia dos impactos da garimpagem para o local.

A migração do Nordeste para o Sudeste, intensificada pela seca e impulsionada pelo desenvolvimento econômico nas grandes cidades, pode ser observada em vários filmes, mas abordaremos apenas três desses expoentes. *O Homem que virou suco* (1980), misto de filme e documentário do cineasta mineiro João Batista de Andrade é a história de Deraldo (Zé Dumont), cordelista migrante confundido com Severino, operário de fábrica que mata o patrão a facadas após ser demitido. Deraldo vive fugindo de um crime não cometido e tenta se adaptar à cidade grande, experimentando vários tipos de trabalho, já que o seu ofício de poeta é reduzido a trabalho de vagabundo. Sem

¹ OLIVEIRA JR. Iracema, uma Transa Amazônica. Revista de Cinema Contracampo, 77.

documentação, experimenta a dificuldade burocrática de aquisição de alvará para vender seus cordéis nas ruas e resiste na tentativa de manter seu ofício de poeta, o que resulta em uma cena marcante, quando o policial diz a ele: “Isso aqui é São Paulo, entendeu?” ao que ele responde espontaneamente: “Grande bosta!”

Não conseguindo viver a princípio da sua arte, Deraldo trabalha em construção civil e por fim o herói vence sua jornada conseguindo publicar e vender legalmente. Encontra seu sócia, prova sua inocência e conta em cordel a história de Severino, com quem fora confundido. No poema, explica como o personagem se vendera e fora enganado pelo patrão, o que o levou ao assassinato e à confusão mental. Portanto, o filme mostra a história de dois migrantes: o que vence e o que vira suco na cidade grande, evidenciando como os dois experienciaram a cidade em suas brutalidades.

Tomemos agora uma migrante alagoana, sozinha, virgem e que sonha ser artista de cinema; mas, sem especialização, começa a trabalhar como datilógrafa. Esta é a heroína de *A hora da estrela* (1985), adaptado do romance homônimo de Clarice Lispector, dirigido por Suzana Amaral e restaurado digitalmente com estreia em maio de 2024. É a história de Macabéa, que conhece e namora José Olímpico de Jesus Moreira Chaves, também migrante. Poeticamente, revelam ao Brasil como os dois percebem a experiência urbana na cidade grande. Eles não conseguem se comunicar, pois ela, muito cônica de sua ignorância, busca aprender o tempo todo e deixa o namorado Olímpico zangado por não saber responder às perguntas que ela faz, embora se ache muito esperto. A cidade grande representa para eles a realização de suas utopias: ela, ser estrela de cinema, e ele, deputado.

Mas a moça, invisibilizada, desculpando-se o tempo todo por causar aborrecimentos, aprendera na rádio que se devia ter alegria de viver, então ela tinha. Ela nunca havia cantado e o único evento belíssimo em sua vida foi a experiência de ouvir “Una Furtiva Lacrima”. Completamente despreparada para enfrentar a vida fora de sua zona de conforto, a moça é marginalizada, emudecida e esquecida na cidade à qual não pertencia. A cena em que chamou para si, tendo seu momento de estrela, foi

a de sua morte, ao ser atropelada por um carro da Mercedes Benz que traz a estrela na lataria como símbolo da marca. Naquele momento epifânico, ela acreditou ser apenas uma queda e que sua sorte mudaria como a cartomante lhe dissera, podendo viver seu ato único, tendo como palco a dureza da rua e uma plateia desconhecida.

Por último, *Central do Brasil* (1998), dirigido por Walter Salles Júnior, é a narrativa sobre Josué, um menino de oito anos que migra com a mãe tragicamente acidentada na Estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Dora, que também assistiu a tudo, trabalha escrevendo cartas para que aqueles que não são alfabetizados possam se comunicar com a família. Ela não só escreve para o pai de Josué, mas também se encarrega de levar o garoto para casa, no Nordeste. Neste movimento de retorno da personagem, Dora pôde reconciliar-se consigo, experienciando uma paisagem mais fluida, mais aberta, como um convite à introspecção e encontro com um espaço mais simples, carregado de significação, que toca a aposentada profundamente.

Nesta viagem de retorno do migrante ao local de origem, os personagens e o espectador experimentam espaços distintos e vivenciam o poder transformador de uma paisagem árida; mas acolhedora. Trata-se de um sertão apresentado como espaço simbólico para onde os personagens se deslocam numa narrativa que ganha uma dimensão política com esse deslocamento geográfico, propiciando o nascimento de um novo homem.²

Vimos, até este ponto, a recorrência de narrativas centradas em migrantes em busca de sobrevivência. Em *O Som ao Redor* (2012), de Kleber Mendonça Filho, essa lógica se desloca para outra forma de expulsão: aquela produzida pela especulação imobiliária, que força o deslocamento da população nativa de determinados territórios urbanos. O filme evidencia como antigas estruturas de poder, historicamente vinculadas ao meio rural, são reconfiguradas e reinscritas no espaço da cidade.

² STARLING, Heloisa Maria Murgel e BORGES, Augusto Carvalho (orgs). Campos, cidades e estratégias narrativas Anos de 1950-1970, em *Imaginação da terra: memória e utopia no cinema brasileiro*. Belo Horizonte: UFMG, p. 140.

Explicita a especulação imobiliária por meio de João, corretor de imóveis, neto do Sr. Francisco, antigo senhor de engenho que se torna proprietário de grande parte dos imóveis da rua onde reside, no bairro de Boa Viagem, em Recife, reproduzindo no ambiente urbano as mesmas relações hierárquicas e autoritárias que exercia no campo. A região que antes tinha como paisagem casas térreas, verticalizou-se em edifícios altos, caríssimos, vendidos como o “bom-lugar”, ou lugar seguro, vigiado por Clodoaldo e os irmãos que oferecem os serviços de segurança ao “Coronel urbano”. O longa provoca reflexão sobre a paranoia da cidade fragmentada, a sensação de ameaça e a necessidade de controle, fruto de reconfiguração de áreas urbanas pela especulação imobiliária.

As áreas são completamente descaracterizadas quando isso ocorre, pois a população nativa do local se vê obrigada a se deslocar para outro lugar com custo de vida mais econômico. Sobre questões de moradia e execuções hipotecárias, Sassia Sasken alerta para a crise na Europa gerando despejos, conseqüentemente deslocamentos de pessoas, imóveis vazios e crise imobiliária.³

Para terminar a análise, sem pretensão alguma de esgotar o assunto, trataremos de dois longas de 2016, adaptados de histórias do escritor mineiro Luiz Ruffato, que por toda a sua obra trabalha a questão do desenraizamento da classe proletária.

Estive em Lisboa e lembrei de você (2016), dirigido pelo português radicado no Brasil José Barahona, adapta o livro homônimo de Ruffato. A obra fílmica trata da história do jovem cataguasense Sérgio, que, recém-casado, sofre com o enlouquecimento de sua mulher, a perda do emprego e da custódia do filho. Decide, então, emigrar para Lisboa, seguindo conselho dos amigos, sonhando refazer sua vida e retornar para o Brasil com dinheiro suficiente para comprar imóveis e viver de renda. Ao chegar, Sérgio depara-se com a dura realidade da imigração e a diferença cultural, revelando uma experiência diferente daquela que imaginava.

³ SASSEN, Saskia. *Expulsões: Brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016, p. 59.

O filme trabalha também com a estrutura de depoimento do próprio Sérgio e observamos que o jovem vivaz que emigrou, perdeu totalmente o brilho, restando a saudade e a amargura. Com locação nos dois países, a obra apresenta o interior mineiro do Brasil através das rodas de pagode, pelada no campinho, cerveja com os amigos e o aconchego da família. Revela também o sonho do Eldorado europeu e as dificuldades enfrentadas por imigrantes despreparados para o mercado de trabalho. Ainda assim, no depoimento final, Sérgio chega à seguinte conclusão: “Voltar pra quê?”

Uma cena emblemática é quando o personagem dá entrevista na rádio da cidade a respeito de sua partida para Portugal. Neste instante, mostra várias pessoas sintonizadas e ouvindo o locutor apresentar as vantagens oferecidas quanto às facilidades de empréstimo para compra de imóvel. Sérgio não vive esta possibilidade de se arriscar em uma hipoteca em Portugal, nem consegue economizar para a compra no Brasil.

Em *Redemoinho* (2016), de José Luiz Villamarim, Gildo e Luzimar são dois amigos de infância que se reencontram após vinte anos de afastamento na véspera de Natal em Cataguases. Em uma conversa acompanhada de muita bebida, reavaliam o que poderia ter sido suas vidas se tivessem feito outras escolhas. Questionado pelo apático Luzimar sobre se é melhor ir do que ficar em sua cidade natal, Gildo diz que não tem dúvidas e desmerece Cataguases: “Não tenha dúvida, mas também essa cidade é mesmo uma bosta”. No entanto, quando Luzimar pergunta para o amigo sobre como é São Paulo, ele se embaraça e, na verdade, não sabe dizer. Percebemos que a cidade é para ele apenas um espaço de trabalho, ele não se apropria de outros espaços que, por vezes são negados a grande maioria da massa trabalhadora. Luzimar mostra-se reflexivo, comparando introspectivamente a vida dele à do amigo que “enricara” em São Paulo, mas fica para o espectador pesar e avaliar os resultados e as marcas da experiência urbana de cada um dos personagens.

Há em *Redemoinho* uma cena em que figuram Gildo e Luzimar em uma ponte. O primeiro, mesmo tendo partido para São Paulo, olha para dentro da cidade de

Cataguases e o segundo, que nunca saiu da pequena cidade, olha para fora. Essa cena fílmica resume a ideia posta na literatura de Ruffato sobre a dúvida entre sair e ficar.

À luz de Said, o exílio não se define apenas pela separação territorial, mas pela fratura permanente entre sujeito e lugar, que impede uma plena reconciliação com qualquer espaço. Ambos habitam um “entrelugar”, no qual o pertencimento é sempre provisório, porque há a impossibilidade de retorno pleno e de integração total ao espaço. O pertencimento se inscreve menos no território e mais na subjetividade. Assim, o filme *Redemoinho* articula-se ao pensamento de Said ao mostrar que o exílio contemporâneo pode ocorrer mesmo sem atravessar fronteiras. A migração interna, o desejo de partir e a permanência forçada produzem estados semelhantes de suspensão identitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos que, com a discussão dos filmes relacionados, possamos ter contribuído para averiguar como os temas propostos por Saskia e as tensões vividas pelos deslocados, como aborda Said, contribuir para entender melhor nosso tempo. Sabemos que, em um filme, a sociedade não é mostrada, mas encenada de um ponto de vista, refletindo-a ou recusando-a através da operação de escolhas para a construção de um mundo possível que se relaciona com o real.⁴ Sendo assim, cabe ao espectador olhar para essa representação não apenas como entretenimento, mas como um eficiente veículo de reflexão e crítica social.

Há uma série de outros filmes que refletem a complexidade desses deslocamentos utilizando a paisagem como testemunha das histórias humanas, mas acreditamos que as narrativas citadas contribuem para, de forma rica e evocativa, ilustrar as brutalidades postas por Saskia Sassen. A “poética da terra” no cinema pós-Guerra Fria permite uma reflexão sobre como as pessoas reconstroem suas vidas em meio às memórias do antigo e às promessas do novo, no caos da transformação

⁴ VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papyrus, 1994.

global. Diante de um mundo estilhaçado e fragmentado, o cinema proporciona uma visão profunda e humanizadora no desafio da relação com a singularidade do outro.

REFERÊNCIAS

A hora da estrela. Direção: Suzana Amaral. Brasil, 1985.

Bye Bye Brasil. Direção: Cacá Diegues. Brasil, 1980.

CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles. Brasil, 1998.

ESTIVE em Lisboa e lembrei de você. Direção: José Barahona. Brasil, 2016.

IRACEMA: uma transa amazônica. Direção: Jorge Bodanzky; Orlando Senna. Brasil, 1974.

O homem que virou suco. Direção: João Batista de Andrade. Brasil, 1980.

O som ao redor. Direção: Kleber Mendonça Filho. Brasil, 2012.

OLIVEIRA JR., Luiz Carlos. *Iracema, uma transa amazônica*. *Revista Contracampo*, n. 77. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/77/index.htm>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio*. In: SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46–60.

SASSEN, Saskia. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

SERRA Pelada: a lenda da montanha de ouro. Direção: Victor Lopes. Brasil, 2013.

STARLING, Heloisa Maria Murgel; BORGES, Augusto Carvalho (org.). *Imaginação da terra: memória e utopia no cinema brasileiro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

REDEMOINHO. Direção: José Luiz Villamarim. Brasil, 2016.

Contribuição de Autoria

1 – Leda do Nascimento Rosa

Mestrado em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora
<https://orcid.org/0009-0005-1533-6951> • 86548077687@estudante.ufjf.br

Editora chefe

Reinilda Minuzzi

Como citar este artigo

ROSA, L. N. Explorando narrativas e identidades em transformação Pós- Guerra Fria: a poética da terra no cinema contemporâneo. **Contemporânea - Revista do PPGART/UFSM**, Santa Maria, v. 5, n. 8, e89578, 2025. DOI: 10.5902/2179460X89578. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2179460X89578>.